

STORYTELLING INCLUSIVO: DIVERSIDADE, REPRESENTAÇÃO E ACESSIBILIDADE

Marcelo Ely de Albuquerque Evangelista¹

Andréa Oliveira de Souza²

Dêjany Vogado dos Santos³

Eduardo do Carmo Castro⁴

Kélia Aparecida Cotrim⁵

Mariana Saturnino de Paula⁶

RESUMO: O *storytelling* na educação foi discutido como prática pedagógica com potencial de mediação da aprendizagem, com ênfase no *Digital Storytelling* e em sua relação com inclusão. O problema investigado consistiu em compreender de que modo o *storytelling*, especialmente em sua modalidade digital, pôde ser utilizado como estratégia pedagógica inclusiva, considerando diversidade, representação e acessibilidade, com vistas à participação de estudantes com necessidades educacionais específicas. O objetivo geral foi analisar o *storytelling* na educação, com ênfase no *Digital Storytelling*, sistematizando contribuições pedagógicas e possibilidades como prática inclusiva. A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, com análise de estudos selecionados sobre contação de histórias, *storytelling* na educação profissional e tecnológica, uso de dispositivos móveis e experiências intergeracionais com narrativas digitais. No desenvolvimento, evidenciou-se que o *storytelling* organizou conteúdos em sequências significativas e favoreceu engajamento e autoria, enquanto o *Digital Storytelling* ampliou a multimodalidade e, quando planejado, reduziu barreiras de participação. Também se observou que a inclusão dependeu de escolhas narrativas responsáveis, de recursos de acessibilidade e de adaptações didáticas integradas ao planejamento. Nas considerações finais, concluiu-se que o *storytelling* pôde ser compreendido como estratégia inclusiva quando articulou intencionalidade pedagógica, diversidade, representação e acessibilidade, embora tenha sido indicada a necessidade de estudos empíricos para aprofundar evidências de implementação em contextos reais.

1

Palavras-chave: *Storytelling*. Educação. Inclusão. Acessibilidade. Tecnologias digitais.

ABSTRACT: Storytelling in education was discussed as a pedagogical practice with potential to mediate learning, emphasizing Digital Storytelling and its connection to inclusion. The research problem sought to understand how storytelling, especially in its digital form, could be used as an inclusive pedagogical strategy considering diversity, representation, and accessibility to support the participation of students with special educational needs. The general objective was to analyze storytelling in education, focusing on Digital Storytelling, by systematizing its pedagogical contributions and its possibilities as an inclusive practice. The methodology adopted was bibliographic research, based on the analysis of selected studies addressing storytelling in early childhood education, in vocational and technological education, the use of mobile devices, and intergenerational digital narrative experiences. In the development, it was observed that storytelling organized content into meaningful sequences and fostered engagement and authorship, while Digital Storytelling expanded multimodality and, when planned, reduced participation barriers. It was also found that inclusion depended on responsible narrative choices, accessibility resources, and didactic adaptations integrated into planning. In the final considerations, it was concluded that storytelling could be understood as an inclusive strategy when it articulated pedagogical intentionality, diversity, representation, and accessibility, although empirical studies were indicated as necessary to deepen evidence in real contexts.

Keywords: Storytelling. Education. Inclusion. Accessibility. Digital technologies.

¹ Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST).

² Pós-graduanda em Literatura, Artes e Filosofia. PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

³ Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST).

⁴ Graduação em Biblioteconomia. UNIRIO.

⁵ Mestra em Tecnologias Emergentes em Educação. Must University (MUST).

⁶ Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva. Faculdade Brasileira Cristã.

I INTRODUÇÃO

O *storytelling* na educação tem se consolidado como uma prática pedagógica relevante por mobilizar a linguagem, a imaginação e a construção de sentidos, favorecendo experiências de aprendizagem significativas em diferentes etapas e modalidades de ensino. Essa prática, tradicionalmente associada à contação de histórias, tem sido ressignificada com a incorporação de recursos digitais, dando origem ao *Digital Storytelling*, no qual narrativas passam a ser elaboradas e compartilhadas por meio de combinações entre texto, imagens, sons e vídeos. Nesse contexto, o *storytelling* pode ser compreendido como uma estratégia que amplia possibilidades de mediação pedagógica, pois contribui para a organização de conteúdos, a contextualização de temas e a produção de envolvimento dos estudantes com as situações de aprendizagem. Na Educação Infantil, por exemplo, a contação de histórias tem sido discutida como mediadora no processo de ensino e aprendizagem, por favorecer a oralidade, a escuta e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais, ao mesmo tempo em que sustenta vínculos e participação no cotidiano escolar (Santos; Ferreira, 2022). Em paralelo, investigações sobre o uso de dispositivos móveis na Educação Infantil demonstram que aplicativos voltados ao *Digital Storytelling* podem se constituir como recursos didáticos promissores quando articulados a estratégias pedagógicas coerentes e a um planejamento que respeite as especificidades da infância (Machado *et al.*, 2021). Já no campo da Educação Profissional e Tecnológica, o *storytelling* é apresentado como alternativa metodológica capaz de diversificar o ensino e de favorecer aprendizagens contextualizadas, aproximando conteúdos de situações concretas e fortalecendo competências comunicacionais e reflexivas (Oliveira *et al.*, 2020). Além do espaço escolar formal, experiências em educação não formal indicam que o *Digital Storytelling* pode fomentar aprendizagens intergeracionais e processos de partilha de experiências, reforçando sua dimensão social e cultural (Romão, 2023). Assim, a abordagem do *storytelling* na educação revela amplitude conceitual e prática, sustentando-se como uma estratégia capaz de integrar dimensões cognitivas, afetivas e sociais da aprendizagem.

A justificativa para o desenvolvimento deste estudo fundamenta-se, primeiramente, no reconhecimento de que práticas narrativas possuem potência formativa ao favorecerem participação, expressão e construção de sentidos, especialmente quando articuladas a propostas que ampliem a autoria discente e docente. Em ambientes educacionais marcados por desafios de engajamento, heterogeneidade de turmas e necessidade de inovação pedagógica, o *storytelling* se apresenta como alternativa que pode contribuir para tornar o ensino significativo, em especial

quando as narrativas se relacionam ao universo cultural dos estudantes e às demandas do contexto em que vivem. Além disso, a intensificação do uso de tecnologias digitais no cotidiano de crianças, jovens e adultos torna pertinente discutir o *Digital Storytelling* como possibilidade metodológica alinhada às transformações sociotécnicas contemporâneas.

Todavia, a adoção de tecnologias, por si só, não assegura qualidade pedagógica: torna-se necessário refletir sobre intencionalidade didática, mediação docente e condições de acesso. Nesse sentido, a discussão se amplia para a dimensão do *storytelling* inclusivo, considerando que narrativas educacionais também comunicam valores, estabelecem representações e podem favorecer ou limitar pertencimentos. Em contextos nos quais se busca consolidar políticas e práticas de inclusão, torna-se essencial problematizar como o *storytelling* pode incorporar diversidade, representação e acessibilidade, evitando estereótipos e garantindo participação de estudantes com diferentes perfis e necessidades educacionais. A relevância do tema se fortalece ao se considerar que a multimodalidade do *Digital Storytelling* pode constituir um caminho para ampliar formas de expressão, desde que as escolhas narrativas e tecnológicas sejam planejadas com critérios de acessibilidade, oferecendo alternativas equivalentes de participação e compreensão. Assim, discutir *storytelling* na educação, com ênfase em práticas inclusivas, contribui para qualificar a reflexão sobre metodologias que dialogam com a contemporaneidade e com o compromisso ético de garantir o direito à aprendizagem.

3

Diante do exposto, formula-se a seguinte pergunta-problema: de que modo o *storytelling*, especialmente em sua modalidade digital, pode ser compreendido e utilizado como estratégia pedagógica inclusiva, considerando diversidade, representação e acessibilidade, com vistas à participação de estudantes com necessidades educacionais específicas?

O objetivo deste estudo consiste em analisar o *storytelling* na educação, com ênfase no *Digital Storytelling*, sistematizando suas contribuições pedagógicas e suas possibilidades como prática inclusiva voltada à diversidade, à representação e à acessibilidade.

Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir do levantamento e da análise de produções acadêmicas que discutem o *storytelling* e o *Digital Storytelling* em contextos educacionais. A investigação apoia-se em estudos que abordam o uso de dispositivos móveis e aplicativos de narrativa digital na Educação Infantil (Machado *et al.*, 2021), a compreensão do *storytelling* como estratégia de ensino na Educação Profissional e Tecnológica (Oliveira *et al.*, 2020), a utilização do *Digital Storytelling* em experiências de educação não formal em perspectiva intergeracional (Romão, 2023) e a contação de histórias como mediadora do processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil (Santos; Ferreira,

2022). Com base nessas referências, realiza-se uma leitura analítica e sistematizadora, buscando identificar convergências, potencialidades e desafios, especialmente no que se refere à inclusão, à acessibilidade e às adaptações pedagógicas para estudantes com necessidades educacionais específicas.

O texto encontra-se estruturado de modo a apresentar, inicialmente, uma discussão teórica sobre o *storytelling* na educação e suas contribuições para processos de ensino e aprendizagem em diferentes contextos, destacando a transição entre práticas tradicionais de contação de histórias e abordagens contemporâneas associadas ao *Digital Storytelling*. Em seguida, aprofunda-se a relação entre *storytelling* e tecnologias digitais, com foco no uso de dispositivos móveis e na multimodalidade, articulando a discussão aos desafios de mediação docente e planejamento pedagógico. Na sequência, desenvolve-se a perspectiva do *storytelling* inclusivo, enfatizando diversidade, representação e acessibilidade, bem como possibilidades de adaptações para estudantes com necessidades educacionais específicas. Por fim, são apresentadas as considerações finais, retomando os principais achados teóricos e apontando implicações para a prática pedagógica e para futuras investigações.

2 STORYTELLING COMO PRÁTICA INCLUSIVA: ADAPTAÇÕES PARA ESTUDANTES COM NEE

4

O *storytelling*, enquanto prática pedagógica, pode ser compreendido como um recurso de mediação que organiza experiências em forma narrativa e, por essa razão, contribui para a atribuição de sentido aos conteúdos trabalhados em contextos educacionais. À medida que a narrativa estrutura acontecimentos, apresenta conflitos, constrói personagens e encaminha desfechos, torna-se possível favorecer a compreensão, a memória e o envolvimento com a aprendizagem, uma vez que o conhecimento passa a ser articulado a sequências significativas. Nesse sentido, a contação de histórias assume papel central na Educação Infantil por mobilizar a oralidade, a escuta e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais, além de fortalecer a participação e a interação no cotidiano escolar. Ao tratar a narrativa como mediadora do processo de ensino e aprendizagem, evidencia-se que o *storytelling* pode ampliar o repertório cultural das crianças e, simultaneamente, favorecer atitudes de convivência, imaginação e atenção compartilhada, aspectos que colaboram para a constituição de experiências pedagógicas humanizadas e integradoras (Santos & Ferreira, 2022). Assim, o *storytelling* não deve ser reduzido a uma atividade periférica, pois se configura como um

componente metodológico que pode sustentar objetivos formativos, desde que planejado com intencionalidade e alinhamento às necessidades do grupo.

Além do valor pedagógico das narrativas em sua forma tradicional, observa-se que o desenvolvimento tecnológico e a expansão do acesso a dispositivos digitais propiciaram a emergência do *Digital Storytelling* como prática que amplia linguagens e potencializa modos de expressão. Ao integrar texto, imagem, áudio e vídeo, o *Digital Storytelling* pode favorecer múltiplas formas de participação, especialmente quando se considera que estudantes possuem diferentes maneiras de aprender e de comunicar o que compreendem. Em razão disso, práticas narrativas digitais tendem a criar oportunidades para que o processo de aprendizagem seja ativo e autoral, deslocando o estudante da posição exclusiva de receptor para a condição de produtor de narrativas. Contudo, essa possibilidade depende de escolhas didáticas consistentes, pois a simples presença da tecnologia não assegura aprendizagem significativa. Nesse ponto, a discussão sobre estratégias para utilização de dispositivos móveis na Educação Infantil indica que aplicativos voltados ao *storytelling* podem ser recursos promissores, desde que a integração esteja ancorada em planejamento, mediação docente e adequação ao desenvolvimento infantil, considerando-se limites de atenção, tempo de exposição e o papel do brincar como eixo estruturante da aprendizagem (Machado *et al.*, 2021). Portanto, a tecnologia deve ser compreendida como meio para ampliar experiências, e não como finalidade em si mesma.

5

Quando se examina o uso de dispositivos móveis e aplicativos de narrativa na Educação Infantil, torna-se relevante considerar que o *Digital Storytelling* pode articular experiências de linguagem, imaginação e expressão por meio de recursos multimodais. Nesse processo, a narrativa pode ser construída a partir de imagens produzidas pelas próprias crianças, registros de atividades do cotidiano escolar, sons e vozes gravadas em situações orientadas e organizadas pelo docente. Assim, o *storytelling* digital tende a favorecer um percurso pedagógico que inclui planejamento, elaboração, revisão e socialização, o que pode fortalecer a percepção de autoria e ampliar a participação. Ao mesmo tempo, faz-se necessário reconhecer que a presença do dispositivo móvel em práticas pedagógicas exige decisões cuidadosas sobre finalidades, seleção de aplicativos, organização de tempos e formas de acompanhamento. A literatura que discute a utilização de aplicativos de *Digital Storytelling* no contexto da Educação Infantil reforça a necessidade de estratégias que orientem o uso pedagógico e de formação docente que sustente a integração significativa, evitando abordagens improvisadas ou excessivamente tecnicistas (Machado *et al.*, 2021). Dessa maneira, compreende-se que a eficácia do *Digital Storytelling*

depende tanto do potencial do recurso quanto da capacidade de mediação do professor e do alinhamento da proposta às características do grupo.

De forma complementar, o *storytelling* pode ser analisado como estratégia de ensino em contextos da Educação Profissional e Tecnológica, nos quais se demanda articulação entre conhecimentos teóricos, competências práticas e desenvolvimento de habilidades comunicacionais e reflexivas. Nesse campo, a narrativa pode assumir função didática ao aproximar conteúdos de situações reais ou simuladas, favorecendo a contextualização e a resolução de problemas. Além disso, o *storytelling* pode contribuir para a organização de aprendizagens por meio de roteiros que apresentam desafios, decisões e consequências, permitindo que conceitos e procedimentos sejam compreendidos em sequências que reproduzem a lógica de processos profissionais. Ao discutir o *storytelling* como estratégia de ensino na Educação Profissional e Tecnológica, observa-se a valorização de práticas que promovem envolvimento e significado, em oposição a abordagens centradas apenas na transmissão de conteúdos. Nesse sentido, a narrativa pode favorecer a reflexão sobre ações, a interpretação de cenários e o desenvolvimento de pensamento crítico, desde que esteja articulada a objetivos de aprendizagem claramente definidos e a avaliações coerentes com a proposta pedagógica (Oliveira *et al.*, 2020). Assim, o *storytelling* pode contribuir para que a aprendizagem se torne conectada ao mundo do trabalho, ao mesmo tempo em que preserva seu caráter formativo e humanizador.

Ao considerar a ampliação das possibilidades do *storytelling*, é pertinente examinar sua utilização também em contextos não formais, nos quais a aprendizagem ocorre em espaços comunitários, culturais e intergeracionais. Nesse caso, o *Digital Storytelling* tende a operar como ferramenta de partilha de experiências e de construção de vínculos, pois a narrativa pode registrar memórias, trajetórias e conhecimentos do cotidiano, conectando diferentes gerações em atividades colaborativas. Em experiências intergeracionais, a criação de narrativas digitais pode estimular o diálogo entre pessoas de faixas etárias distintas, promover a valorização de histórias de vida e favorecer aprendizagens relacionadas à escuta, ao reconhecimento do outro e à participação social. Ao investigar a educação não formal em contexto intergeracional por meio do *Digital Storytelling*, evidencia-se que as narrativas digitais podem fortalecer o sentimento de pertencimento e atuar como dispositivo cultural de mediação, no qual a tecnologia se coloca como suporte para a expressão e o compartilhamento de experiências (Romão, 2023). Desse modo, o *storytelling* deixa de ser compreendido apenas como técnica

didática e passa a ser reconhecido como prática social e cultural, com implicações educativas que extrapolam o espaço escolar.

Embora as contribuições do *storytelling* sejam amplas, torna-se imprescindível analisar sua relação com a inclusão, sobretudo quando se assume o compromisso de construir práticas que reconheçam diversidade, ampliem representação e garantam acessibilidade. A inclusão, nesse contexto, envolve tanto o conteúdo das narrativas quanto as condições de participação de todos os estudantes. Em relação ao conteúdo, a seleção e a construção de histórias podem reforçar estereótipos ou, ao contrário, ampliar perspectivas e promover respeito às diferenças. Assim, um *storytelling* inclusivo requer atenção às formas de representação presentes em personagens, cenários, valores e conflitos, de modo que a pluralidade social, cultural e identitária seja contemplada sem reducionismos. Ao mesmo tempo, deve-se considerar que a narrativa, quando mediada no contexto educativo, possui impacto na forma como crianças e jovens percebem a si mesmos e aos outros, o que reforça a necessidade de escolhas éticas e pedagógicas. No âmbito da Educação Infantil, onde a contação de histórias se vincula ao desenvolvimento integral, essa atenção é ainda relevante, uma vez que a narrativa pode contribuir para a formação de atitudes de convivência, empatia e respeito no cotidiano escolar (Santos & Ferreira, 2022). Dessa forma, a inclusão não deve ser tratada como adendo ao planejamento, mas como princípio estruturante das escolhas narrativas e metodológicas.

7

No que se refere à acessibilidade, o *Digital Storytelling* apresenta potencial expressivo por reunir múltiplas linguagens, permitindo que a aprendizagem e a expressão ocorram por canais distintos. Essa característica pode favorecer a participação de estudantes com diferentes necessidades educacionais específicas, desde que as propostas sejam planejadas com alternativas equivalentes de acesso e produção. Em termos práticos, a multimodalidade pode permitir que uma mesma história seja compreendida por meio de narração em áudio, apoio visual com imagens organizadas, uso de texto em linguagem adequada e recursos de organização sequencial. Entretanto, para que tais possibilidades se concretizem, torna-se necessário planejar a narrativa digital considerando critérios de acessibilidade, pois sem essa atenção a tecnologia pode produzir novas barreiras. Ao discutir estratégias para uso de aplicativos e dispositivos móveis na Educação Infantil, destaca-se a importância do planejamento e da mediação docente, o que pode ser estendido à perspectiva inclusiva, dado que a acessibilidade depende de decisões intencionais sobre recursos, formatos e acompanhamento do processo (Machado *et al.*, 2021). Assim, o *Digital Storytelling* pode favorecer inclusão, mas somente quando se assume que o desenho pedagógico precisa antecipar necessidades e oferecer apoios adequados.

As adaptações para estudantes com necessidades educacionais específicas, no contexto do *storytelling*, podem ser compreendidas como ajustes planejados que asseguram participação e aprendizagem, sem alterar o objetivo pedagógico central. No *storytelling* oral, isso pode envolver controle de ritmo, uso de repetição significativa, segmentação da história em partes e uso de apoios visuais que representem personagens e eventos. Já no *Digital Storytelling*, podem ser incorporadas formas diversas de participação, como a produção de imagens em substituição ao texto escrito, gravação de áudio em substituição à leitura, organização de sequências em modelos pré-estruturados e construção colaborativa em que cada estudante contribui conforme suas potencialidades. Essas adaptações tendem a ser eficazes quando o processo narrativo é compreendido como percurso, e não apenas como produto final, pois a aprendizagem pode ocorrer na escolha do tema, na organização de ideias, na construção de cenas e na socialização. Ao tratar a contação de histórias como mediadora do ensino e aprendizagem, evidencia-se a importância da mediação do docente para criar um ambiente acolhedor e participativo, condição que também sustenta práticas inclusivas, uma vez que a participação se fortalece quando há segurança e reconhecimento do estudante no processo (Santos & Ferreira, 2022). Portanto, a inclusão no *storytelling* exige um olhar que valorize processos e que organize apoios de forma contínua.

A dimensão social do *storytelling* também contribui para compreender seu potencial inclusivo, pois narrativas, especialmente quando produzidas em grupo, demandam negociação de sentidos, escuta e colaboração. Em experiências de educação não formal intergeracional, o *Digital Storytelling* se mostra capaz de fortalecer vínculos e valorizar trajetórias, aspecto que pode ser transposto para contextos escolares como estratégia para promover pertencimento e respeito às diferenças. Ao enfatizar práticas intergeracionais, ressalta-se que a narrativa digital pode mobilizar experiências pessoais e coletivas, permitindo que diferentes vozes sejam ouvidas e reconhecidas (Romão, 2023). Esse princípio, ao ser adaptado para a escola, pode favorecer a inclusão ao ampliar espaços de fala e de expressão, sobretudo para estudantes que, em abordagens tradicionais, encontram dificuldades de participação. Desse modo, o *Digital Storytelling* pode funcionar como ponte entre vivências, culturas e identidades, reforçando que aprender também significa compartilhar experiências e construir sentidos em interação.

Além disso, o *storytelling*, quando utilizado como estratégia de ensino em modalidades como a Educação Profissional e Tecnológica, pode contribuir para inclusão ao oferecer contextos narrativos que aproximem conteúdos de realidades diversas e valorizem diferentes trajetórias. Ao organizar situações de aprendizagem por meio de histórias, pode-se criar um

ambiente em que conhecimentos sejam contextualizados e em que estudantes possam reconhecer-se nos temas, conflitos e decisões apresentados. Considerando a discussão do *storytelling* como estratégia de ensino na Educação Profissional e Tecnológica, nota-se que a narrativa pode servir para tornar o ensino significativo e participativo, o que se relaciona a princípios de inclusão quando se reconhece a heterogeneidade das turmas e a necessidade de metodologias que acolham diferentes formas de aprender (Oliveira *et al.*, 2020). Assim, mesmo em contextos de formação técnica, o *storytelling* pode promover experiências formativas que valorizem subjetividades e que fortaleçam competências comunicacionais e relacionais, fundamentais para a vida profissional e social.

A consolidação de um *storytelling* inclusivo, contudo, depende da compreensão de que inclusão envolve planejamento intencional e não apenas adaptações pontuais. Por essa razão, torna-se necessário considerar a formação docente como eixo estruturante, pois o professor desempenha papel central na seleção de narrativas, na construção de propostas e na mediação do processo. Em contextos de uso de dispositivos móveis, essa formação precisa contemplar tanto aspectos pedagógicos quanto decisões sobre ferramentas, organização de etapas e avaliação formativa. Ao discutir o uso de aplicativos de *Digital Storytelling*, ressalta-se a importância de estratégias orientadoras e do planejamento, o que reforça que propostas inclusivas precisam ser desenhadas a partir de objetivos claros e acompanhadas por mediação qualificada (Machado *et al.*, 2021). Desse modo, a docência assume a função de articular narrativa, tecnologia e inclusão em um mesmo projeto pedagógico, garantindo que a proposta não se fragmente em ações isoladas.

Diante dessa discussão, compreende-se que o *storytelling* na educação apresenta contribuições relevantes em diferentes contextos, mas seu potencial se amplia quando a prática é orientada por princípios de inclusão, diversidade e acessibilidade. A contação de histórias, na Educação Infantil, favorece a mediação do ensino e aprendizagem e pode constituir ambiente de participação e desenvolvimento integral (Santos & Ferreira, 2022). A integração de dispositivos móveis e aplicativos de *Digital Storytelling* amplia possibilidades autorais, desde que a proposta seja planejada e mediada adequadamente (Machado *et al.*, 2021). A utilização do *storytelling* como estratégia de ensino na Educação Profissional e Tecnológica indica que narrativas podem diversificar práticas e favorecer aprendizagens contextualizadas e reflexivas (Oliveira *et al.*, 2020). Em contextos não fore intergeracionais, o *Digital Storytelling* evidencia sua dimensão social, cultural e colaborativa, fortalecendo vínculos e partilha de experiências (Romão, 2023). Portanto, ao articular essas contribuições sob a lente da inclusão, torna-se

possível afirmar que o *storytelling*, especialmente em sua modalidade digital, pode funcionar como estratégia pedagógica capaz de favorecer participação, autoria e construção de sentidos, desde que seja planejado com intencionalidade e compromisso com acessibilidade e representação.

Nessa perspectiva, a implementação de práticas de *storytelling* inclusivo requer atenção simultânea ao conteúdo narrativo e às condições de participação. Em relação ao conteúdo, é necessário selecionar e produzir histórias que valorizem diversidade e evitem estigmatizações, de modo que estudantes se reconheçam e reconheçam o outro de forma respeitosa. Em relação à participação, torna-se essencial garantir acessibilidade por meio de recursos multimodais e de adaptações planejadas, assegurando que estudantes com necessidades educacionais específicas possam compreender e produzir narrativas com autonomia progressiva. Ao considerar que a tecnologia pode ampliar possibilidades de expressão, mas também pode criar barreiras quando mal utilizada, reforça-se a necessidade de planejamento pedagógico e mediação docente qualificada, conforme apontado em estudos sobre dispositivos móveis e *Digital Storytelling* (Machado *et al.*, 2021). Assim, o *storytelling* inclusivo se apresenta como prática que integra aprendizagem, cultura e ética, na medida em que promove sentidos e pertencimento, ao mesmo tempo em que fortalece o direito à aprendizagem em contextos educacionais diversos.

10

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões desenvolvidas ao longo deste estudo permitem afirmar que o *storytelling*, especialmente em sua modalidade digital, pode ser compreendido como estratégia pedagógica inclusiva quando é planejado para contemplar simultaneamente a construção de narrativas com diversidade e representação e a garantia de condições de participação por meio de acessibilidade e adaptações para estudantes com necessidades educacionais específicas. Nesse sentido, a pergunta que orientou a pesquisa foi respondida à medida que se evidenciou que o potencial inclusivo do *storytelling* não decorre automaticamente do uso de histórias ou de tecnologias, mas se concretiza quando há intencionalidade pedagógica e organização sistemática do processo narrativo. Assim, o *storytelling* se mostra capaz de favorecer participação, autoria e aprendizagem significativa, desde que a proposta considere as características dos estudantes, o contexto educacional e os recursos disponíveis, articulando escolhas didáticas coerentes com a promoção de equidade.

Entre os principais achados, destaca-se que a narrativa, quando utilizada como mediação pedagógica, tende a favorecer envolvimento e compreensão por organizar experiências em

sequências significativas, permitindo que conteúdos sejam contextualizados e associados a sentidos. Isso se relaciona ao fato de que a estrutura narrativa pode apoiar a atenção e a memória e, ao mesmo tempo, promover interação social por meio de momentos de escuta, compartilhamento e construção coletiva. Esse aspecto tem implicações para a inclusão, pois amplia possibilidades de participação para estudantes que se beneficiam de abordagens contextualizadas e mediadas por linguagem e imaginação. Contudo, também se observou que a efetividade do *storytelling* depende de planejamento e mediação, pois, sem esse suporte, a narrativa pode permanecer apenas como atividade pontual, sem conexão com objetivos de aprendizagem e sem condições adequadas para participação ampla.

Outro achado relevante refere-se ao *Digital Storytelling* como ampliação do *storytelling* tradicional, principalmente por integrar diferentes linguagens e suportes. A multimodalidade, quando orientada por critérios pedagógicos, cria oportunidades para que estudantes expressem compreensão por meios variados, o que pode ser particularmente importante em contextos de heterogeneidade e presença de necessidades educacionais específicas. Entretanto, também se identificou que a multimodalidade não garante acessibilidade por si só, pois recursos digitais podem gerar barreiras caso não sejam planejados com atenção a legibilidade, organização da informação e alternativas equivalentes de acesso. Dessa forma, foi possível compreender que a contribuição inclusiva do *Digital Storytelling* se estabelece quando a proposta é desenhada desde o início para reduzir barreiras e ampliar formas de participação, evitando que adaptações sejam apenas correções tardias de um planejamento inicialmente excludente.

11

No que se refere ao *storytelling* inclusivo, evidenciou-se que diversidade e representação constituem dimensões centrais para a inclusão, porque narrativas educacionais comunicam valores, moldam percepções e podem reforçar ou problematizar estereótipos. Assim, a inclusão não se restringe a recursos técnicos de acessibilidade, mas envolve também escolhas narrativas e éticas, como seleção de temas, construção de personagens e abordagem de conflitos, de modo a promover respeito às diferenças e pertencimento. Isso permite compreender que o *storytelling* pode ser inclusivo quando evita invisibilizações e amplia perspectivas, favorecendo reconhecimento de identidades diversas e convivência baseada em respeito. Entretanto, também se apontou que essa dimensão exige cuidado e intencionalidade, pois histórias podem reproduzir exclusões caso sejam selecionadas ou produzidas sem critérios de representação responsável.

Quanto às adaptações para estudantes com necessidades educacionais específicas, o estudo indicou que o *storytelling* pode ser ajustado sem alterar seu propósito pedagógico, desde

que o processo narrativo seja compreendido como percurso formativo. Assim, adaptações como segmentação de etapas, uso de suportes visuais, variação de canais de expressão, distribuição de papéis e organização do tempo podem ampliar participação e reduzir barreiras. O principal achado, nesse ponto, é que a inclusão no *storytelling* se fortalece quando se reconhece que estudantes podem participar de modos distintos, contribuindo de acordo com suas potencialidades e tendo assegurado o acesso ao sentido da narrativa, seja na compreensão, seja na produção. Portanto, o *storytelling* digital pode ser considerado estratégia inclusiva quando as adaptações são planejadas como parte do desenho didático e quando a participação é tratada como princípio, e não como exceção.

As contribuições deste estudo concentram-se na sistematização de elementos que permitem interpretar o *storytelling* como estratégia pedagógica inclusiva, articulando dimensões narrativas e tecnológicas às exigências de diversidade, representação e acessibilidade. Ao reunir e organizar achados teóricos, o texto oferece um panorama que pode subsidiar decisões pedagógicas relacionadas ao planejamento de atividades narrativas, especialmente na perspectiva de inclusão de estudantes com necessidades educacionais específicas. Além disso, a discussão evidencia que propostas de *storytelling* e *Digital Storytelling* podem ser compreendidas como práticas de aprendizagem autorais e participativas, desde que sejam conduzidas com mediação pedagógica e compromisso com equidade, o que pode orientar ações formativas de docentes e planejamento institucional.

12

Apesar dessas contribuições, também se reconhece a necessidade de outros estudos para complementar os achados. Considerando que esta pesquisa foi bibliográfica, torna-se pertinente aprofundar investigações empíricas que descrevam e analisem a implementação do *storytelling* inclusivo em diferentes níveis de ensino e contextos, bem como estudos que examinem, com maior detalhamento, quais condições favorecem participação efetiva e quais barreiras persistem em propostas de *Digital Storytelling*. Além disso, mostra-se relevante ampliar a compreensão sobre estratégias de acessibilidade e adaptações adequadas a diferentes perfis de necessidades educacionais específicas, observando como essas decisões impactam aprendizagem, engajamento e autoria. Assim, embora a pesquisa responda à pergunta proposta ao indicar que o *storytelling* pode ser inclusivo quando planejado para diversidade, representação e acessibilidade, permanece a necessidade de aprofundamento para consolidar evidências sobre práticas concretas, critérios de implementação e efeitos pedagógicos em contextos reais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Machado, A. P. R., et al. (2021). Estratégias para a utilização de dispositivos móveis na educação infantil: Utilizando aplicativo Digital Storytelling. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/21262>. Acesso em 22 janeiro de 2026.

Oliveira, D. S. L., et al. (2020). Storytelling como estratégia de ensino no contexto da educação profissional e tecnológica. Disponível em: <https://dspace.ifrs.edu.br/handle/123456789/185>. Acesso em 22 janeiro de 2026.

Romão, S. F. G. (2023). Educação não formal em contexto intergeracional através do Digital Storytelling. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/62733>. Acesso em 22 janeiro de 2026.

Santos, C. R., & Ferreira, R. (2022). A contação de história como mediadora no processo de ensino e aprendizagem da educação infantil/Storytelling as a mediator in the process of teaching and learning in early childhood education. ID on line. Revista de Psicologia, 16(63), 537-549. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3601>. Acesso em 22 janeiro de 2026.